

O Sesquicentenário do Senado na Associação Brasileira de Imprensa

Apresentação

A 17 de setembro de 1976, realizou-se na Associação Brasileira de Imprensa sessão solene em comemoração ao Sesquicentenário da instalação dos trabalhos do Senado.

A Mesa, composta pelos Senhores Senador José de Magalhães Pinto, Presidente do Senado Federal, Dr. Prudente de Moraes, neto, Presidente



O Presidente do Senado Federal, Senador José de Magalhães Pinto, quando era recebido na Associação Brasileira de Imprensa, pelos Drs. Prudente de Moraes, neto, e Barbosa Lima Sobrinho.

da ABI, Marechal Paulo Torres, antigo Presidente do Senado Federal, Acadêmico Austregésilo de Athayde, Presidente da Academia Brasileira de Letras, Ministro Cândido Motta, do Supremo Tribunal Federal, Dr. Eduardo Seabra Fagundes, Presidente do Instituto dos Advogados Brasileiros, e Senador Danton Jobim, foi presidida pelo Dr. Barbosa Lima Sobrinho, Presidente do Conselho de Administração da ABI.

Com a presença de inúmeras autoridades e de representantes da Imprensa, o Dr. Barbosa Lima Sobrinho abriu a sessão, proferindo as seguintes palavras:

Estamos aqui reunidos para a comemoração do SESQUICENTENÁRIO DO SENADO e temos grande prazer em termos sido escolhidos para a sede da exposição que está sendo realizada, uma vez que a Imprensa e o Poder Legislativo vivem de mãos dadas, em união perfeita e inquebrantável. Na verdade, e falo um pouco como antigo repórter parlamentar, é nas Casas Legislativas onde realmente vamos encontrar os assuntos com que alimentamos os nossos escritos, nas folhas em que trabalhamos. Comecei, aliás, primeiro, como repórter, no Senado Federal, quando ele ainda se instalava no Palácio Monroe e, depois, então, é que fui fazer o serviço parlamentar na Câmara dos Deputados.

E nossa alegria é tanto maior, quando temos aqui presente uma das grandes figuras da vida política brasileira, que é o Senador Magalhães Pinto. Homem cuja vida pública se tem construído, toda ela, de grandes benefícios ao País, que ele sabe defender com o fervor de seu extraordinário patriotismo. Quando Governador de Minas Gerais, conseguiu estabelecer uma espécie de rivalidade entre Minas e São Paulo, porque se São Paulo não podia parar, Minas aprendera a trabalhar em silêncio. E foi essa uma característica de seu Governo e da sua atuação, através de todos os tempos. De modo que é com grande alegria que nós estamos aqui reunidos para tomar parte nesta festa, com que nos associamos, realmente, às glórias do Senado Federal que, completando 150 anos de vida, pode-se dizer que são 150 anos de trabalho efetivo em prol dos inte-

resses brasileiros. Houve mesmo um tempo em que os debates do Senado Federal não eram publicados no Diário Legislativo, que ainda não existia. Saíam, apenas, nos jornais diários. E nem mesmo estão reunidos em Anais publicados pelo Senado, no período de 1838 em diante, creio que até 1850. De modo que, durante este longo período, estão na imprensa, e só na imprensa, os Anais do Senado.

É mais uma razão para que, nos associando a esta comemoração, possamos dizer que ela também nos pertence, porque somos o órgão de publicações do Senado, num longo período de tempo.

Para expressar os sentimentos da ABI e nossa grande alegria pelo acontecimento de hoje, dou a palavra ao nosso Presidente, Dr. Prudente de Moraes, neto.

Após a saudação ao Senado em nome da Imprensa, pelo Dr. Prudente de Moraes, neto, usou da palavra o Senador José de Magalhães Pinto.

O Senador Danton Jobim, antigo Presidente da ABI, representou o Senado Federal, proferindo palestra intitulada "O Legislativo e a Imprensa".

A sessão foi encerrada pelo Dr. Barbosa Lima Sobrinho, que assim se expressou:

O Presidente do Senado Federal, eminente Senador Magalhães Pinto, referiu-se às vicissitudes vividas ou sofridas, em comum, pela Imprensa e pelo Poder Legislativo.

Eu gostaria de recordar uma fase, em que vivemos tão unidos, e tão fraternalmente, que os artigos proibidos pela censura prévia nos jornais brasileiros, eram lidos na tribuna legislativa e voltavam às colunas dos jornais amparados nas imunidades parlamentares. Por isso, Senhor Senador, defendemos as imunidades parlamentares como defendemos a liberdade de imprensa. São garantias supremas de todos os outros

direitos e de todas as outras regalias porque, quando falha a publicidade, encontramos apoio na tribuna legislativa e conseguimos fazer chegar, de alguma maneira, o que se passa ao conhecimento do público. A publicidade é o grande remédio para todas as mazelas, de todos os regimes, sejam quais forem, porque entre todos eles, a democracia, por pior que seja — o conceito é de Churchill —, ainda é o melhor de todos os regimes até agora criados pelo gênio político da humanidade.

O direito de informar é tão sagrado que nós não temos o direito de sonegar ao nosso público qualquer notícia de interesse público que chegue ao nosso conhecimento. Daí é que vem a incompreensão entre os poderes públicos e o exercício do jornalismo brasileiro. Porque o Governo não compreende a crítica e o jornalismo não sabe como deixar de fazer a crítica, porque essa é a sua função natural.

O jornalismo surgiu exatamente para exercer essa tarefa e não poderá deixar de fazê-la sem deixar de cumprir seus deveres mais sagrados.

Gostaria de lembrar, ainda aqui, a propósito dessa maneira de entender a atividade jornalística, dois exemplos. Um de Hipólito José da Costa, outro de Pedro II. Hipólito José da Costa, no Correio Braziliense, quando verificou que o Príncipe Regente não tinha notícia da atividade que vinha sendo exercida pelos seus amigos que pertenciam ao Partido francês (naquele momento, o Partido francês e o Partido inglês se digladiavam nos corredores do Palácio). Hipólito José da Costa notava que essa ignorância resultava de uma circunstância única: era a falta de publicidade, era a ignorância em que o Príncipe Regente se deixava envolver, numa época em que só havia lugar para um jornal oficioso como era a Gazeta do Rio de Janeiro.

E o Imperador Pedro II, com a sua longa experiência, de quarenta e tantos anos de reinado, resistia aos seus amigos, que exigiam a criação de uma lei de imprensa, alegando sempre

que não poderia concordar com qualquer restrição ao exercício das atividades jornalísticas, porque era na Imprensa que ele tinha o seu maior auxiliar, para lhe dizer aquilo que as suas autoridades estavam fazendo e de que ele não chegava a ter nenhuma notícia. Quando se considera, sob esse aspecto, a Imprensa, não podemos fugir à conclusão de que nós somos, acima de tudo, auxiliares do Governo. Mas, auxiliares do Governo não para louvar, porque louvar é menos útil do que criticar, do que censurar, do que advertir. E o jornalismo, que não souber se orientar nesse sentido, está deixando de cumprir a sua função e é mais prejudicial do que útil, porque os Governos precisam, realmente, de crítica, porque é através da crítica que eles podem saber se estão certos ou se estão errados, deixando de lado os louvores desses caudatários que vivem a exaltar a sua infinita sabedoria e seu acerto universal.

Eis porque, Senador Magalhães Pinto, eu gostaria que V. Ex^a pudesse levar aos órgãos do Governo a certeza de que esta Associação foi criada, não para destruir, mas para construir, construir criticando, construir informando, construir exercendo, em sua amplitude, a tarefa jornalística, mas com o pensamento supremo de trabalhar pelo progresso deste Brasil que todos nós amamos. Não estamos aqui para destruir, mas para construir, para construir dentro do exercício de nossa tarefa, pensando no Brasil com o mesmo patriotismo de todos que possam amar mais profundamente este País, porque nascemos no Brasil, vivemos para o Brasil e trabalhamos pelo Brasil. Esta é a tarefa que se procura exercer nesta Casa, com homens como Prudente de Moraes, neto, como Danton Jobim, como Austregésilo de Athayde, nosso companheiro do Conselho, como Elmano Cardim, como Cândido Motta, que aqui está presente, como todos os nossos companheiros do Conselho Administrativo, porque todos estamos unidos nessa tarefa para engrandecer a atividade jornalística e, sobretudo, Senador Magalhães Pinto, para trabalhar pelo Brasil.

Quero agradecer a presença, nesta Mesa, de tantas figuras que nos honram aqui com sua presença: meu querido amigo Austregésilo de Athayde, Presidente da Academia Brasileira de Letras, o Senador Paulo Torres, que tanto honrou o mandato que lhe foi conferido pelo Estado do Rio de Janeiro, pertencente a uma família política, de que não posso esquecer nem Acúrcio Torres, nem o Deputado Alberto Torres, de "O Fluminense". Quero agradecer a presença do Presidente do Instituto dos Advogados Brasileiros, Dr. Eduardo Seabra Fagundes e a Cândido Motta Filho, que também é membro do Conselho, assim como ao Ministro Aliomar Baleeiro, que veio associar-se a esta comemoração.

De Danton Jobim e de Prudente de Moraes, neto, não posso dizer senão que eles é que são os donos da festa, os credores de tudo isto e as grandes vozes que todos nós acabamos de aplaudir.

E muito temos também que agradecer a todos que se acham aqui presentes, sobretudo ao Presidente do Senado Federal, Senador Magalhães Pinto, que nos veio trazer, nesta hora incerta e difícil, a certeza de que estamos trabalhando, juntos, por este Brasil, a que todos servimos.

Após a sessão, foi inaugurada, no saguão do auditório, Exposição comemorativa do Sesquicentenário do Senado Federal e lançado o número especial (n.º 50) da "Revista de Informação Legislativa".

A 23 de setembro, com a presença de convidados especiais, representantes da imprensa e alunos de Faculdades de Comunicação, realizou-se o Painel "Jornalismo Parlamentar", presidido pelo Dr. Prudente de Moraes, neto, e coordenado pelo Dr. Alberto Dines, respectivamente, Presidente e Diretor Cultural da ABI.

Foi Expositor o jornalista Villas Boas Corrêa, Diretor da sucursal de "O Estado de S. Paulo", no Rio de Janeiro. Como Debatedores, participaram do Painel os jornalistas Evandro Carlos de Andrade, Sebastião Nery e Derly Barreto.